

HISTÓRIA INFANTIL: DO IMAGINÁRIO AO REAL – DESENVOLVE VALORES E DESPERTA A CRIATIVIDADE¹

STORIES FOR CHILDREN: FROM IMAGINARY TO REALITY – DEVELOPING VALUES AND AWAKING CREATIVITY

**Carla Medianeira Costa Domingues² e
Silvia Helena Niederauer³**

RESUMO

O mundo infantil é povoado de sonhos, fantasias e questionamentos que levam a criança a sentir-se insegura nesse mundo real. Atuando sobre a mente humana, os contos de fadas, desde suas origens, encantam a criança e a fazem se identificar com esse mundo mágico, transmitindo-lhes valores que a ajudam na compreensão de si mesma e da realidade à sua volta. Nesse sentido, no presente trabalho, busca-se investigar como esses contos infantis agem na mente da criança, através de suas histórias representativas de situações-problemas reais. A pesquisa desenvolveu-se a partir de uma análise bibliográfica, com uma abordagem sobre contos de fadas tradicionais e modernizados. Verifica-se que os contos de fadas originaram-se da literatura popular adaptada para o público infantil com a permanência de alguns elementos mágicos, como mediadores ou apenas auxiliares no processo de solução dos conflitos. Pela análise do conto tradicional, O patinho feio, de Hans Christian Andersen e A bolsa amarela, de Lígia Bojunga, pode-se averiguar que, mesmo que o processo narrativo tenha evoluído, os contos continuam a agir na mente infantil, auxiliando a criança na formação de sua personalidade e na compreensão da realidade que a cerca. Sob essa perspectiva, pode-se inferir que deve haver uma preocupação entre a interação da literatura com o pequeno-leitor, para que a criança torne-se um leitor competente, crítico e emancipado, efetivando, assim, a proposta de leitura.

Palavras-chave: literatura infantil, contos de fadas, leitor.

ABSTRACT

The children world is inhabited by dreams, fantasies and questioning that take the child to feel insecure in this real world. Influencing the human mind, the fairy-tales, since their origins, enchant children and allow them to identify with this magic world by transmitting values that may help in comprehension of themselves

¹ Trabalho Final de Graduação - TFG.

² Acadêmica do Curso de Letras - UNIFRA.

³ Orientadora - UNIFRA.

and reality all around. In this sense, the present work seeks to investigate how these short-stories for children act upon their mind, through stories that are representative of real situations or problems. The research was developed with a bibliographic analysis, with an approach with traditional and modernized fairy-tales. It was noticed that fairy-tales originated from popular literature adapted to children with the permanence of some magic elements, like mediators or simply side characters in the process of solving conflicts. By analyzing the traditional tale "The Ugly Duckling," by Hans Christian Andersen, and "The yellow bag," by Lígia Bojunga, it is possible to notice that even though the narrative process has evolved, the fairy-tales continue to act upon the children's mind helping in them in the process of personality formation and in the comprehension of reality around. Within this perspective, we can infer that there should be a concern with the interaction of literature with the young reader, so that children may become a competent, critic and emancipated reader, fulfilling this way, the reading purpose.

Keywords: *children literature, fairy-tales, reader.*

INTRODUÇÃO

A literatura infantil, desde suas origens, quando ainda era transmitida pela oralidade e em serões ao "pé do fogo de chão", provocava fantasias na mente de seus ouvintes, que liberavam emoções e sentimentos, influenciados pelo mundo mágico criado nas histórias que resgatavam lendas, mitos e contos.

Com o progresso industrial, essas histórias passaram a ser transmitidas através da palavra escrita, ganhando força com a comercialização de livros. Nesse período, surge a necessidade de transmitir valores às crianças e jovens, devido à ascensão da classe burguesa e adoção de novos princípios culturais próprios ao novo modelo social que emerge.

Com o intuito de formar adultos conscientes desses valores, a criança passa a ser a principal preocupação da sociedade. Assim, a literatura volta-se também para esse público. As histórias primordiais, que fascinavam a criança, principalmente por possuírem o elemento "maravilhoso", foram adaptadas por escritores, que mantiveram esse poder de sedução, surgindo os contos de fadas. É importante salientar que essas histórias, inicialmente, representavam a realidade social, retratando os problemas internos e externos que afligiam o homem e, portanto, não eram exclusivas do universo infantil, uma vez que eram produzidas por adultos para os adultos.

A sociedade evoluiu e também a literatura infantil. Os contos de fadas ganham novas estruturas, e passam a ser questionadores dessa realidade que sempre representaram. Com ou sem a presença do elemento maravilhoso, agora, apenas auxiliam na resolução dos conflitos e deixam espaço para que a própria criança seja o agente na busca por soluções de

seus impasses.

A partir da análise dos contos tradicionais e modernizados, percebe-se que, embora longos anos os separem, tanto um modelo quanto o outro continuam agindo na mente infantil e auxiliam a criança a resolver suas angústias.

REFERENCIAL TEÓRICO

LITERATURA INFANTIL – DAS ORIGENS AOS CONTOS DE FADAS TRADICIONAIS

A literatura infantil fixou-se no mercado, como obra específica para crianças, somente durante o século XIII, embora nos séculos anteriores já houvesse registros de histórias que viriam a agrupar-se, futuramente, à literatura infantil.

Durante o século XIII, o processo de industrialização na Europa solidificou a classe burguesa, que passou a adquirir novos padrões sociais e culturais. A revolução industrial, política e econômica leva essa nova sociedade a incentivar a formação de instituições, família e escola, que ajudassem a atingir seus objetivos. Para Lajolo e Zilberman (1985), a estabilidade familiar, na qual os membros assumem seus devidos papéis, cabendo ao pai o sustento familiar e à mãe organizar a vida doméstica, beneficia a criança, que passa a ter um novo papel na sociedade, chama todas as atenções para si. Já a escola é convocada a participar e a colaborar na vida social da criança e volta seus interesses para ela. Além de prepará-la para enfrentar o mundo exterior, coloca certa ordem social, tira a criança do trabalho forçado, devolvendo o lugar aos adultos que estavam desempregados.

Conforme Aguiar (2001):

A ascensão da burguesia, na sociedade européia durante o século XIII, o crescimento da sua capacidade econômica e a conseqüente conquista de mais poder político resultaram numa nova ordem social e cultural (...). Logo, passou-se a investir na educação como uma forma de prepará-lo [o sujeito] para a vida adulta.

A infância tornou-se, assim, a partir dessa época, o centro das atenções (...).

Nesse contexto, a literatura infantil surgiu e serviu à proposta burguesa de formar mentalidades, de impor sua ideologia (AGUIAR, 2001, p.23)

Inserida em um contexto social que passa a exigir seus direitos e

luta para adquirir um poder político e uma estabilidade econômica, a nova ordem social credita à criança um lugar especial. É a literatura destinada a este público que irá receber a função de formação e informação e de transmitir a ideologia promulgada por esta sociedade. Assim, os textos destinados ao pequeno leitor terão um teor didático e moralista, levando a criança a ter uma educação especial, diferenciada da dos adultos. Para Lajolo e Zilberman (1985), a literatura infantil está ligada antes a um caráter pedagógico que literário, visando a endossar valores da classe burguesa, manifestando o modo como o adulto quer que a criança veja o mundo. Coelho (2000) reforça a idéia de que, em épocas de consolidação, a intencionalidade pedagógica domina, pois o importante para a formação da criança é transmitir valores que possam ser incorporados em um novo sistema social que surge.

Na busca por um passado mais distante sobre a literatura infantil, descobre-se que ela se originou da literatura popular que se perpetuou através dos tempos. As histórias baseadas no folclore impressionavam e prendiam a atenção dos ouvintes. Nesse período, crianças e adultos dividiam o mesmo espaço, sem distinção de faixa etária e, juntos, ficavam fascinados com a fantasia que as histórias continham, com seus personagens e situações criadas pelo contador.

Conforme dados da psicologia, Coelho (2000) comenta que a proximidade dessa literatura popular e infantil se dá através da mentalidade primária de ambas, pois a partir do sentimento interior que predomina no povo e na criança em relação ao mundo exterior, este é percebido através da emoção, da intuição, da sensibilidade e do pensamento mágico e não lógico.

Essa literatura popular, que povoou a Idade Média, é resgatada por Charles Perrault e, mais tarde, pelos irmãos Grimm que editam os contos de fadas, definindo, para essa literatura, a preferência das crianças às histórias fantásticas e de aventuras. Com o Romantismo, essas histórias foram traduzidas e adaptadas, eram origem a uma coletânea de contos e fábulas, que vieram a consolidar-se entre os séculos XVII e XVIII. Outros escritores surgem com novas propostas, entre eles podemos citar Hans Christian Andersen, autor de *O patinho feio*, obra que será analisada mais adiante. Os autores procuram retratar, a partir de então, histórias que se identifiquem com a vida cotidiana da criança, o que antes não era englobado pela literatura popular.

Os contos infantis utilizam uma linguagem imagística, a partir da qual, junto a símbolos, figuras, alegorias e comparações, conseguem transmitir padrões de pensamento ou de conduta que provocam o amadurecimento da inteligência da criança, fazendo-a formar conceitos críticos que colaboram

na compreensão e reflexão sobre o mundo a sua volta.

Sobre a importância da literatura infantil, Coelho (2000) afirma que:

É o *meio ideal* não só para auxiliá-las a desenvolver suas potencialidades naturais, como também para auxiliá-las nas várias etapas de amadurecimento que medeiam entre a infância e a idade adulta (COELHO, 2000, p. 43).

Tal literatura que apresente o maravilhoso, próprio da fábula, dos mitos e das lendas e que encontra, nos contos de fadas, um destaque especial, continua encantando as crianças até hoje. Isso porque os valores que tal literatura transmite são gerais e perenes, visto que surgiram do folclore, que é a manifestação do conhecimento de um povo e continuam a auxiliar na formação de uma consciência crítica, fazendo seus ouvintes/leitores identificarem-se com os temas abordados nas histórias.

Depois de ter um caráter pedagógico e formador de uma moralidade, apenas, a literatura infantil passou a ser alvo de discussões, ganhou um novo *status*: o de ser unicamente um meio de entretenimento, prazer e distração da criança, por apresentar uma estética especial através de livros coloridos, com figuras, personagens mágicos ou não, aventuras e fantasias que reportavam a criança para além da realidade concreta. Até bem pouco tempo, esse era o único valor dado a essa literatura pelos críticos e adultos.

No entanto, com os estudos e pesquisas realizados pela psicologia, a partir, principalmente, do século XX, chegou-se a novos valores atribuídos à literatura destinada a crianças: atraí-las através das histórias e proporcionar-lhes condições de reflexão e experiências, seja no plano real seja no imaginário, para que possam enfrentar os problemas e buscar soluções que as ajudem a se integrar no mundo que as rodeia, a partir da sua realização interior. Conforme Coelho (2000):

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor; é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização (COELHO, 2000, p. 27).

O psicólogo Bruno Bettelheim (1980) afirma que a criança precisa descobrir sua identidade para compreender o mundo exterior e, para isso, os contos de fadas assumem um papel importante ao dirigirem-se a ela. Estas narrativas, através dos símbolos e encantamento, estão ligadas eternamente aos questionamentos enfrentados pelo homem ao longo do seu amadurecimento emocional e agem na mente, trabalhando os conflitos

correspondentes a cada fase da vida.

O amadurecimento da mente humana acontece aos poucos. Em pequenos passos, a criança vai tomando conhecimento do mundo ao seu redor, sua beleza e os problemas que precisará enfrentar. Um conhecimento maior e uma compreensão existencial só serão possíveis quando ela se tornar adulta pois terá adquirido, então, um maior grau de inteligência e entendeu melhor a sua existência.

Os estudos da psicologia revelaram que a inteligência humana constrói um universo que possui estágios de desenvolvimento que variam conforme a criança e o ambiente em que ela vive. Cada um desses estágios corresponde a uma faixa etária, isto é, a idade cronológica corresponde a um nível de amadurecimento e domínio dos mecanismos da leitura, enfoque deste trabalho, para que a interação entre leitor/leitura/literatura tenha um resultado positivo e que contribua para a formação do mundo interior da criança. Coelho (2000) divide o pequeno leitor em: pré-leitor - primeira infância: 15/17 meses aos 3 anos; a segunda infância a partir dos 2/3 anos; leitor iniciante - a partir dos 6/7 anos; leitor-em-processo - a partir dos 8/9 anos; leitor fluente - a partir dos 10/11 anos e leitor crítico - a partir dos 12/13 anos.

Com base nesses estudos, será abordado, neste trabalho, o pequeno leitor, não especificamente em cada fase, mas no geral, visto que, embora exista uma referência quanto a seu desenvolvimento intelectual, cada criança é especial e sua evolução está relacionada a diversos fatores psicológicos e/ou físicos, que podem ou não acelerar o seu processo evolutivo. Assim, pretende-se traçar um breve estudo sobre a importância da literatura infantil para a formação intelectual da criança, através da comparação entre o conto de fadas tradicional e o modernizado, a fim de destacar o quanto este gênero contribui para a evolução cognitiva do pequeno leitor.

A CRIANÇA E O UNIVERSO DO “ERA UMA VEZ”

Desde suas origens, a literatura infantil, que antes pertencia à esfera da literatura popular, utiliza-se de um elemento que prende a atenção de seus ouvintes/leitores – o maravilhoso. Através do encantamento que ele promove, a fantasia ganha espaço, provocando, na criança, a imaginação que a faz transcender a realidade, sonhar e depois regressar e transporta para sua vida exterior as experiências que adquiriu e que facilitarão seu convívio social.

Para que ocorra uma relação íntima entre a literatura e a criança, os autores precisam utilizar-se de recursos que diferenciem esta literatura daquela destinada aos adultos, pois, para Bettelheim (1980), a história

que consegue prender a atenção dessa criança, entretê-la e despertar sua curiosidade é muito enriquecedora e satisfatória, ajuda-a a desenvolver sua mente e emoções, sugerindo soluções para problemas que a perturbam.

A criança não apresenta um desenvolvimento intelectual igual ao dos adultos, como já vimos. Seu desenvolvimento ocorre lentamente, por etapas, por isso, é necessário dedicar uma atenção especial ao criar um texto para a criança. O autor deve preocupar-se em desenvolver uma narrativa linear, com um tempo cronológico, sem *'flashbacks'* ou cortes na narrativa e extratemporal, como “há muito, muito tempo...”. Uma linguagem simplificada, mas correta, facilitará o entendimento da criança, colocando-a dentro da história, assim como a presença de um espaço indeterminado transporta-a para um mundo fictício, mas repleto de encantamento e surpresas.

As personagens têm um papel importante para a criança. É através delas que o pequeno leitor se envolve com a história: ele sofre, chora, solta risos e a felicidade emerge com a personagem. Essa identificação ocorre quando a criança possui claramente a idéia do caráter da personagem e dos conflitos pelos quais ela passa: se a personagem é boa ou má, bela ou feia, se está feliz ou não, por exemplo. Esses sentimentos agem na mente infantil e provocam um desenvolvimento emocional ao revelarem imagens e ações que prendem a sua atenção.

Outro recurso importante a ser trabalhado e que atrai a criança são as ilustrações, que fascinam com suas gravuras e colorido. O formato do livro chama o leitor para a imaginação, assim como os espaços em branco despertam a recriação da história. Frases como “era uma vez...” e “viveram felizes para sempre” introduzem na criança o espírito mágico, que a faz viajar por um mundo em que existe a felicidade e, no qual, embora existam problemas, tudo acabará bem.

A literatura infantil trabalha a compreensão do real e concede à criança a possibilidade de organizar as experiências adquiridas no universo fantástico do “era uma vez”. A presença de elementos mágicos e de recursos da fantasia conquista o leitor que não só acompanha, mas vivencia a história com as personagens.

A narrativa dos contos de fadas tornou-se modelo para a literatura dedicada à criança. A seqüência que segue tornou-se uma fórmula, com ou sem elemento maravilhoso, que permanece até hoje:

Situação inicial - *conflito* – *processo de solução* – sucesso final.

Essa narrativa linear apresenta uma situação inicial, que pode ser a perda do pai ou da mãe, o abandono ou a busca de identidade, que desencadeia um conflito que causa pressões internas e leva a personagem a

sair em busca de solução. Neste momento, os contos de fadas acrescentam a fantasia que auxilia o pequeno leitor a organizar suas experiências e buscar resolver seus conflitos emocionais que, a sua frente, parecem complexos e impossíveis de serem solucionados, promovendo o sucesso final, em que a felicidade almejada reina para sempre.

A criança, por natureza própria, tem a característica da fantasia, ou seja, sua mente é animista e transfere isso para sua vida, através de brincadeiras com objetos, animais ou pessoas. Segundo Zilberman (2003), a literatura infantil faz o papel duplo de transmitir normas e valores, de acordo com a visão dos adultos e também leva a criança a interar-se com a realidade, facilitando a ordenação das experiências existenciais, através das histórias infantis.

Baseada em conclusões da psicanálise, Coelho (2000) diz que o maravilhoso é o elemento mais importante da literatura infantil e que ele está ligado aos eternos dilemas que o homem encontra no seu processo de amadurecimento emocional, que parte da fase egocêntrica até a sociocêntrica, quando a criança começa a lutar para atingir sua independência.

Os contos de fadas abordam, em suas histórias, temas que provocam pressões internas e levam a criança, a partir de suas mensagens, a entender que os problemas e dificuldades existem, mas é preciso enfrentá-los pois, no final, encontrará uma solução e terá sucesso. As histórias maravilhosas oferecem à criança uma organização no seu inconsciente e lhe dão uma melhor visão daquilo que elas não entenderiam sozinhas, desempenhando o papel de apoiá-las e orientá-las em suas vivências.

As histórias que analisaremos a seguir problematizam as inseguranças que as personagens, Raquel e o Patinho Feio, enfrentam um mundo em transformação e, no qual precisam encontrar seu espaço, procurando, através do elemento “maravilhoso”, um apoio para resolverem seus dilemas.

Dessa mesma forma, as crianças se posicionam diante do mundo, procuram seu espaço na família e na sociedade, e elas só o encontram ao se sentirem valorizadas, o que ocorrerá quando conseguirem resolver as situações que as perturbam, como os problemas internos próprios da infância, a idade, sua relação familiar e com amigos.

OS CONTOS DE FADAS TRADICIONAIS

O conto é a forma mais primitiva e milenar de narrar histórias. Do folclore popular aos contos de fadas, houve muitas adaptações. Sem limitações, os contos de fadas são uma seqüência de fatos, em que a simbologia e a fantasia levam a criança a liberar emoções que, muitas

vezes, estão reprimidas.

Eles abordam questões cruciais da vida humana como, por exemplo, a morte da mãe ou do pai, o envelhecimento, questionamentos sobre sua existência, seu lugar no mundo, entre outros. A magia e o encantamento que encontramos nos contos mostram uma vida que pode ser vivida. As situações fantásticas, como animais e objetos que falam, dão à história um tom de verdade, assim como a linguagem simbólica utilizada responde a questões cruciais da existência.

Os contos de fadas tradicionais apresentam uma narrativa que se inicia em um lugar bonito e belo. Inicialmente, tudo está perfeito e a vida encontra-se tranqüila. No entanto, algo acontece que rompe com essa paz. A personagem sofre uma espécie de “choque”, que a faz passar por dilemas emocionais e sair em busca de soluções. Nesse percurso, surgem diversos obstáculos, mas a personagem não sabe como eliminá-los, e torna-se passiva diante dessas situações. Assim, o processo de solução necessitará da intervenção de um elemento “maravilhoso”, que elimina os obstáculos, abre caminho para a personagem seguir e chegar ao sucesso almejado, alcançando um final feliz. Sobre o maravilhoso presente nesses contos, Coelho afirma:

Este é o recurso estilístico mais rico do que a representação realista, pois deixa transfigurar a essência dessa realidade, ele é o mediador entre o herói e o objetivo a ser alcançado, que afasta ou neutraliza os perigos, levando o herói a enfrentar e vencer os obstáculos que estavam em seu caminho (2000, p 44).

Esse elemento maravilhoso leva a criança a viajar num mundo de imaginação, como acontecia nos primórdios, quando a classe feudal utilizava esse recurso para refugiar-se do mundo real, em que era explorada pelos seus senhores. Por encantarem a todos, principalmente a criança, este modelo de narrativa permanece vivo até hoje, na literatura destinada ao público infantil.

Tal literatura passa a ter um papel importante na vida da criança, pois ela está associada a uma fase de seu amadurecimento, momento em que ela, conforme Coelho (2000), busca construir seu próprio mundo, desligando-se dos adultos.

Assim, a história infantil assume um papel social, auxiliando na formação da criança que passa a deparar-se com uma realidade, muitas vezes, cruel. O maniqueísmo (bem x mal) contido nas histórias ajuda a criança a compreender a realidade ao distinguir certos valores que regem

uma sociedade. Os contos de fadas abordam, desde suas origens, valores que são perenes na vida social, e o conteúdo, nas histórias, é pontuado em “bom” e “mau”, “certo” e “errado”, enfatizando o significado dessa dicotomia que é realçada pela linguagem simbólica das narrativas.

Bettelheim (1980), em suas reflexões, defende a presença do mal nas histórias infantis, pois se o mal for valorizado na mesma medida que o bem, a criança perceberá que, na vida real, é preciso estar preparada para enfrentar as dificuldades e incentivá-la a correr os riscos, suportando os obstáculos com otimismo até chegar a um final feliz:

Ao contrário do que acontece em muitas estórias infantis modernas, nos contos de fadas o mal é tão onipresente quanto a virtude. Em praticamente todo conto de fadas, o bem e o mal recebem corpo na forma de algumas figuras e de suas ações, já que bem e mal são onipresentes na vida e as propensões para ambos estão presentes em todo homem. É esta dualidade que coloca o problema moral e requisita a luta para resolvê-lo (BETTELHEIM, 1980, p 15).

Os contos de fadas tradicionais, portanto, ao apresentarem uma estrutura narrativa fixa, ao incorporarem o elemento maravilhoso e ao estabelecerem o claro confronto entre valores opostos, trazendo à tona o maniqueísmo, proporcionam à criança a possibilidade de um primeiro contato com situações problemáticas. Tais situações são significativas para a formação infantil, uma vez que, via linguagem simbólica, permitem que a criança entre em contato com experiências de vida, mesmo que fictícias, que lhe servirão de exemplo e de apoio para o enfrentamento da sua realidade e aquela a sua volta.

A LITERATURA INFANTIL ATUAL

O primeiro contato que a criança tem com as histórias infantis, sejam elas tradicionais ou contemporâneas, é sonoro, quando ainda não sabe ler e alguém lhe conta histórias. No momento em que ela aprende ou reconhece a escrita, torna-se livre. Esse é o momento em que a criança muda seu *status* e se integra num mundo intelectual, tornando-se um leitor. O conhecimento intelectual distingue os povos, o que os torna mais ou menos cultos. Com o crescimento industrial e a ascensão da classe burguesa, durante o século XVIII, aumenta o interesse por livros, que ganham espaço e o seu acesso é facilitado. À época, a escola é instigada a participar, junto à família, na educação da criança, que recebe, nesse período, um grande valor.

Conforme Zilberman (2003), o avanço científico e filosófico consagra o respeito à palavra escrita e o livro ganha força na divulgação

desse avanço, tornando-se um veículo crítico desse progresso.

Quando a criança entra na escola, ela aprende, principalmente, a manusear os livros sozinha e ele, que antes era produto de uma ideologia, representando a voz do adulto, passa a ter outra função:

Todavia, como produto de uma ideologia que patrocina o questionamento da tradição, o livro pode significar seu contrário, atuando como propulsor de uma nova postura inquietadora e inconformada em face dos padrões instituídos (ZILBERMAN, 2003, p. 173).

O NOVO CONTO DE FADAS

A literatura atual inova o seu processo narrativo, apresentando peculiaridades formais e temáticas que caracterizam a atual postura do gênero. Os autores preocupam-se em adequar essa narrativa à criança, considerando sua faixa etária e o momento social em que a obra será inserida, sendo que alguns recursos são baseados no resgate de processos dos contos tradicionais como o elemento maravilhoso, fadas, bruxas. A presença do maravilhoso nos contos clássicos, que soluciona ou ajuda a solucionar a problemática do herói, permanece até hoje.

Se, por um lado, a presença do maravilhoso ainda permanece em algumas narrativas infantis, a literatura voltada à criança evolui, assim como seu processo de solução, conforme o avanço e as necessidades sociais. Como instrumento de transmissão de conhecimento, deixa de ter um papel moralizador e passa a ser crítica e instigadora de atuação. Leva tanto suas personagens, como as crianças que com elas se identificam, a saírem da passividade e buscarem, por si mesmas, soluções que colaborem na compreensão do mundo, provocando-as a terem novas idéias e a tomarem decisões inteligentes no cotidiano.

A obra artística engloba elementos em sua estrutura que, em conjunto, dão-lhe vida. Além da palavra que é objeto de criação, a obra moderna ganha formato, ilustrações e diálogos, que devem estar unidos e se completarem, para, na medida certa, passarem à criança a mensagem de otimismo e de responsabilidade perante os desafios que encontram no mundo ao seu redor.

A paródia e a intertextualidade recuperam alguns clássicos da literatura e da cultura popular, são modificados com um certo humor e amenizam a forma de transmitir a mensagem para a criança. Isso ocorre em alguns contos infantis de autoria de Monteiro Lobato, dentre outros.

A efabulação inicia de imediato com uma problemática, em que não existe um personagem herói, mas personagens que são valorizados

coletivamente, não sobressaindo, exclusivamente, a característica da superioridade. Outras vezes, há uma personagem individual, como acontece com Raquel, em *A bolsa amarela*, protagonista que questiona sua posição de criança dentro da família e da sociedade.

O conto moderno nem sempre apresenta uma narrativa linear, o que significa dizer que pode fazer uso de *flashbacks* e fugir à perspectiva do tempo. A expressão “era uma vez...” praticamente desaparece, o que deixava o conto tradicional com um tempo vago. Esse tempo imaginativo abre lugar a um tempo mais próximo do real, apresentando-se, agora, junto aos fatos e aventuras que as personagens enfrentam.

As personagens são tiradas da passividade e, embora possam existir elementos mágicos, eles apenas auxiliam na busca da solução para se chegar ao sucesso. A narrativa moderna multiplica-se em diversos tipos de aventuras, as quais apontam diversos caminhos, estimulando as personagens a enfrentarem os obstáculos e a buscarem soluções para o problema e não ficarem à espera de algo mágico, como uma “fada madrinha” que surgirá e resolverá seus momentos de angústia.

Os valores, que antes eram transmitidos pela literatura infantil, de “formatar” os pequenos leitores e jovens ao processo institucional existente, são quebrados, e sua mensagem é incentivar a busca de soluções, mostrando à criança que ela pode resolver os seus problemas.

Zilberman (2003) define que a contemporaneidade de uma literatura é sua intenção de estimular a consciência crítica do leitor, levá-lo a desenvolver sua própria expressividade.

Com estrutura e estilo inovador, o papel da literatura moderna também se atualiza, pois, além de representar a realidade, provoca questionamentos no leitor para que, a partir de uma consciência crítica, ele possa modificar o mundo que o rodeia, sendo atuante e participativo nessa realidade inconstante.

DO MARAVILHOSO ÀS FRONTEIRAS DA REALIDADE

Com o avanço da sociedade, que busca conhecimentos baseados no racionalismo, surge uma nova literatura preocupada com o realismo, com a intenção de retratar a vida do homem, de forma mais próxima de sua realidade, o que implica, às vezes, não ter a presença do ‘maravilhoso’. As histórias passam a resgatar atitudes, medos, comportamentos da nova sociedade que se solidifica.

O elemento maravilhoso permanece vivo, mesmo sem ter participação obrigatória nas narrativas contemporâneas. Esse recurso, além

de encantar, difundiu (e difunde) uma realidade mágica, simplificando para a criança os problemas da vida real. Ele é o mediador entre esse mundo verdadeiro, cheio de conflitos internos, e a felicidade a ser conquistada.

Através das histórias e do mundo mágico que a criança passa a conhecer com a leitura, consegue assimilar valores que a auxiliam na compreensão do mundo ao seu redor. A partir da análise das histórias *O patinho feio* e *A bolsa amarela*, pode-se perceber como a criança transfere essa magia para a realidade.

O PATINHO FEIO

O conto de fadas *O patinho feio* foi escrito por Hans Christian Andersen e lançado em 1944. A repetição dos fatos, isto é, a rejeição e a busca da própria identidade joga o Patinho nas aventuras por que passa, e sua problemática é resolvida conforme transcorre o tempo e, com seu desenvolvimento natural, aos poucos sua aparência vai mudando e ele cresce, o que vai mostrar o lugar a que pertence.

O Patinho, ao buscar sua identidade, sintetiza o mundo infantil que, da mesma forma que ele, é oprimido e diminuído pela sociedade e, muitas vezes, pela própria família, quando os adultos impõem suas decisões, fazendo-o sentir-se rejeitado nesse mundo.

Ao abordar esse tema, o conto assume seu papel social, retrata os conflitos e, principalmente, mostrando à criança que, apesar de existirem, no mundo, momentos difíceis, sempre se pode alcançar a felicidade e o sucesso.

Para Bettelheim, “Os contos de fadas, à diferença de qualquer outra forma de literatura, dirigem a criança para a descoberta de sua identidade e comunicação e sugerem experiências que são necessárias para desenvolver ainda mais o seu caráter” (1980, p.32).

O herói do conto, ao encontrar a felicidade, é capaz de esquecer todas as amarguras e problemas que enfrentou, a fim de vivê-la plenamente.

A BOLSA AMARELA

A bolsa amarela, de Lygia Bojunga (2002), conta a história de Raquel, que tinha três vontades: crescer, ser menino e tornar-se escritora. Por ser criança é reprimida pela família e sente-se rejeitada, o que a leva a entrar em conflito interno. É uma menina sensível e imaginativa, que busca seu espaço, resolvendo seus problemas interiores a partir de um mundo criado pela sua imaginação. Tudo começa com as vontades que precisa esconder, pois sua família não a entende. Mas onde escondê-las, se cada

vez mais elas cresciam? A partir daí, o leitor passa a conhecer Raquel, o seu dia-a-dia, o mundo real e o mundo de imaginação que criou, cheio de personagens e fantasia, que representam os desejos que oculta: a identidade que procura e os amigos que almeja.

Nessa obra, que se tornou um clássico da literatura infantil, o ludismo está presente, assim como nos contos de fadas tradicionais, encontrando, aqui, um equilíbrio entre a liberdade da fantasia e as restrições do real.

O tema central da narrativa, a busca da identidade, gira em torno da personagem, Raquel, que, por apresentar dificuldades de relacionar-se com a família, busca, num mundo de fantasias, auxílio através de personagens mágicas, como a bolsa amarela, o galo Afonso, o alfinete de fraldas e o galo terrível, a fim de obter o sucesso que almeja: a vitória sobre a censura aos seus três desejos.

Percebe-se que a magia presente no texto encontra um perfeito equilíbrio entre a liberdade do imaginário e as restrições do real. Bojunga oferece, no texto, uma visão clara de comportamentos sociais e, através de um caminho literário, leva a criança a uma reflexão sobre sua condição, mostrando que ela própria pode procurar solucionar seus problemas.

A personagem central, através do elemento maravilhoso que cria pela imaginação, enfrenta as adversidades de sua vida, resolvendo-as de forma engenhosa e emancipadora, pois o 'maravilhoso' serve apenas de suporte para a solução de suas dificuldades, uma vez que não é ele que definitivamente encontra a saída para a situação de conflito. Aqui, a união entre o real e o maravilhoso se dá de forma exemplar, pois a menina não perde de foco os seus desejos, mas consegue, via imaginação e fantasia, entendê-los, conviver com eles e, assim, atingir sua maturidade ao lidar com seus problemas de forma autônoma e criativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os contos de fadas sofreram, ao longo do tempo, várias modificações, que refletiam o desenvolvimento social de cada período. Suas histórias abordam interesses que variam com a época e o momento histórico em que estão inseridos, assim como a preocupação com a faixa etária, abordando temas que condizem com a mente infantil.

As narrativas tradicionais tinham uma função, inicialmente, pedagógica e moralizante bem como cumpriam o papel de preparar a criança para a vida adulta. Suas histórias abordavam questões que, na infância, são quase impossíveis de resolver, a personagem enfrenta obstáculos perigosos e complicados, com personagens bons e perversos. Contudo, tais narrativas confortam a criança, quando apontam para um

final feliz, mesmo que, para isso, seja necessário um elemento mediador – “maravilhoso” – que resolverá a situação.

Em *O patinho feio*, a personagem enfrenta dificuldades para encontrar sua verdadeira identidade, mesmo que, para ela, ser diferente não seja problema. Embora exista uma condição de passividade da parte da personagem, ela alcançará o sucesso almejado. Essa condição é passada para a criança que, ao identificar-se com a personagem, sente-se segura, pois não é a única a passar por estes questionamentos e que, como a personagem, ela terá um final feliz.

Esse final está presente nos contos modernos, porém a grande diferença encontra-se na forma de como solucionar a situação-problema. Com a evolução constante da sociedade, seus padrões de comportamento e interesses também evoluíram e a literatura infantil, então, torna-se um veículo que se propõe a instigar a criança a sair da passividade. A partir de histórias questionadoras, elas deixam de apenas passar lições moralizantes à criança para incentivar o pequeno leitor na busca de soluções para seus problemas.

Essa condição pode ser observada em *A bolsa amarela*, de Lygia Bojunga, em que a personagem Raquel também vive um conflito interno e, como o Patinho, sente-se rejeitada e reprimida. No entanto, ela não espera que algo maravilhoso aconteça para resolver essa inquietação. Cria um mundo mágico, com personagens e objetos fantásticos que assumem papéis importantes, na tentativa de ajudá-la em suas angústias. Esse mundo mágico se vale do maravilhoso que, nos contos modernos, assume uma nova função: de auxiliar a personagem a pôr fim aos seus dilemas. Aquela passividade contida no conto tradicional já não existe, e as histórias contemporâneas tornam-se questionadoras, levando o pequeno leitor, ao identificar-se com a trama e/ou personagem, ao estímulo de agir no mundo.

Em uma sociedade ativa, como a atual, a criança precisa sentir-se encorajada a formar opiniões, ser crítica e atuante para conquistar seu espaço.

A grande questão que se impõe através da leitura das duas obras, que compõem o *corpus* deste trabalho, *O patinho feio* e *A bolsa amarela*, diz respeito, por um lado, à presença do elemento maravilhoso e, por outro, à atitude das personagens diante de situações-problema.

Enquanto as narrativas tradicionais traziam sempre uma personagem passiva em relação ao problema vivido, que esperava pelo maravilhoso, que surgiria para acabar com o sofrimento, os contos modernizados podem ou não prescindir deste elemento. À personagem central, portanto, cabe a solução do problema.

A comparação entre os dois contos, separados, temporalmente, por longos anos, resgata tanto a tradição do elemento maravilhoso, quanto a

postura de seus protagonistas em relação a seus problemas.

Tanto *O patinho feio* quanto *A bolsa amarela* trazem à tona a questão da busca pela identidade e pelos seus lugares no mundo familiar e social.

No conto de Andersen, o Patinho sofre com a exclusão até mesmo dentro da própria família: mãe e irmãos não o aceitam porque ele é ‘diferente’. Ele não percebe esta diferença e, portanto, não compreende a sua condição de ‘excluído’. Ao partir em busca de amigos que o aceitem, abandona a família por não conseguir se impor e ser respeitado, apesar da diferença física que o distingue de seus irmãos. E aqui, percebe-se uma diferença em relação a Raquel, protagonista de *A bolsa amarela*. A menina não abandona o núcleo familiar a fim de resolver seu problema de incompreensão e, de certa forma, de ser excluída, a exemplo do Patinho. É ela quem cria um mundo particular, em que o maravilhoso, através dos “pertences mágicos” que guarda na bolsa, a ajudam a se refugiar da incompreensão familiar e a encontrar, por conta própria, seu espaço no núcleo familiar e, por conseqüência, na sociedade.

Percebe-se que tanto Raquel quanto o Patinho procuram, cada um a seu modo, resolver seus desejos - problemas. Os caminhos distintos escolhidos pelas personagens apontam para soluções satisfatórias de suas inquietações.

A fuga empreendida pelo Patinho leva o pequeno leitor a inferir que é preciso encontrar um caminho próprio para a solução de seu problema e o desafio está, justamente, na procura deste caminho. A linguagem metafórica do conto e a personificação do protagonista mimetizam uma situação de estreita relação com a realidade infantil: Quem sou? Qual o meu lugar na família? Por que algumas coisas não me são permitidas?

Assim, a atitude emancipatória do Patinho - buscar seu autoconhecimento e conseqüente aceitação pelos outros - mostra à criança que a passividade não é a melhor escolha. Dessa forma, ela compreenderá que, também e principalmente, é ela a responsável por sua felicidade e solução de seus entraves.

Como o Patinho, Raquel também é a protagonista de sua história, isto é, a menina, através de sua fértil imaginação, encontra a saída para suas angústias e desejos. Ao dar espaço ao maravilhoso, Raquel traduz a maneira como funciona a mentalidade infantil: o mágico ‘existe’ e é elemento de segurança nos momentos de dificuldade.

Ambas as personagens dão tempo ao tempo, ou seja, a “fuga” do Patinho representa o tempo necessário ao seu amadurecimento e sua conseqüente aceitação pelos outros; a bolsa amarela e tudo o que Raquel guarda dentro dela é a forma animista de compreender-se, elaborar suas

vontades e possibilidades de realizá-las, o que resulta em seu natural crescimento.

Assim, através do percurso de cada uma das personagens e da temática existencial proposta pelas narrativas, é possível perceber-se que o tratamento dado às questões de busca de identidade e aceitação são perenes no mundo infantil, ou seja, esses questionamentos sempre inquietaram as crianças, de uma forma ou de outra.

A abordagem, tanto a tradicional – usando um animal com sentimentos e atitudes humanas, quanto a contemporânea – valendo-se da mente animista infantil, apontam para a confluência de possibilidades a serem ofertadas ao público infantil. As aventuras do Patinho e de Raquel desvelam para a criança caminhos plenamente possíveis de serem trilhados até o encontro com o “final feliz”, o que assegura a certeza de que os problemas existem, mas têm solução.

É justamente nesse ponto que a literatura infantil assume seu ápice, sua importância maior: as narrativas, sejam elas tradicionais ou modernizadas, são insubstituíveis meios de organização da linguagem, do pensamento, do conhecimento de si próprio e do mundo a sua volta.

Assim, através da leitura das obras aqui estudadas, pode-se afirmar que ambas são modos de o leitor mirim ver o mundo sob seu prisma, ao mesmo tempo em que o auxiliam a ampliar esse olhar nas diversas direções. Uma vez que a criança compreende a vida pelo viés do imaginário, é natural que a realidade seja transfigurada pela imaginação, pois, dessa forma, ela entra em contato com o mundo e seus desdobramentos e, então, tem condições de entendê-lo melhor para, assim adaptar-se a ele de maneira plena e efetiva. A imaginação é essencial ao pensamento infantil, pois é através dela que sua consciência elabora a realidade a sua volta. A explicação fantasiosa criada pela mente infantil abre espaços para a resolução dos dilemas próprios da infância, pois encontram veracidade psicológica às questões e às dúvidas típicas desta faixa etária.

Depreende-se, então, o quão importantes são os contos de fadas para a formação integral da criança: ela precisa de magia aliada à realidade para dar contorno mais nítido a sua existência e, assim, sentir-se segura para avançar em sua trajetória de vida. Por isso, narrativas como as aqui trabalhadas, que falam ao coração e à mente, são aliadas essenciais para o êxito neste percurso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. **Era uma vez ... na escola**: formando educadores para formar leitores. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

ANDERSEN, Hans Christian. **O patinho feio**. Porto Alegre: Kuarup, 1988.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BOJUNGA, Lygia. **A bolsa amarela**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo, 2000.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: História & História**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1985.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11. ed. São Paulo: Global Editora, 2003.